

AVE MARIA

GLORIA IN EXCELSIS DEO



Mobilização ★

★ Espiritual

NESTES tempos anormais que estamos vivendo, a palavra da hora, é mobilização. Já se perguntou mesmo, porque ainda não se fez a nossa mobilização espiritual. Ora, não será difícil a quem conhece a vida católica do País constatar que o espírito católico que nos anima, e que tem a sua mais alta expressão na própria vida da Igreja, vive numa contínua mobilização. Aliás, basta pensar-se no esforço constante, empenhado para manter as tradições cristãs nacionais, para se concluir que não ha nenhum apagamento de nossa consciência católica em face dos nossos deveres essenciais de nos premunirmos contra as forças anti-cristãs que pretendem, de qualquer forma, fazer-nos negar o passado para nos sujeitar a um paganismo que repugna: a nossa própria dignidade de homens. As nossas paróquias, os nossos centros de Estudos, as nossas associações, a Ação Católica, tudo está aí comprovando uma perseverante vigília das forças católicas, impedindo que o inimigo não nos tome de surpresa. Essa atitude da Igreja, nestes últimos anos, se desenvolveu a novos campos em que os resultados tem sido os mais satisfatórios. Referimo-nos aos Circulos Operários, difundidos em todo o Brasil. Deixando à parte o aspecto da defesa e de beneficiência que também caracterizam os circulos, salientamos a feição cultural que marca o movimento circulista como uma de suas atividades mais felizes. Esta parte cultural está afeta à Confederação Nacional de Operários Católicos — a entidade que congrega os Circulos em todo o território nacional, orientando-os. Vêm muito a propósito estas considerações como uma introdução à informação que estamos divulgando, de que a Confederação êste ano, editou vários livros do mais vivo interesse para o momento. É interessante anotar-se êste fato inédito de uma organização operária tornar-se editora de obras sociológicas orientadoras da massa trabalhista. Um dos mais brilhantes esforços, pois, da Confederação Nacional de Operários Católicos na sua missão de orientadora das atividades operárias cristãs do Brasil foi neste ano, a publicação de várias brochuras de real valor para o fim a que se destina — proporcionar cultura sadia às classes trabalhadoras e orientação social às demais classes. Com êsse intuito foi publicada em edição popular, aos milhares, a encíclica "Rerum Novarum". Depois destinada aos líderes, aos patrões, aos intelectuais, sacerdotes, dirigentes de obras sociais, professores universitários, homens do governo, etc., foi dada a publicidade uma tradução brasileira do Código Social de Malines.

Em seguida, "Iniciação Social", livro de um talentoso circulista, o dr. Paulo de Oliveira que soube, na sua estreia agitar os assuntos mais vivos e apaixonados do momento. O livro pode ser discutido, mas é sincero, é "novo" é da hora. O Padre Leopoldo Brentano trouxe à

coleção de que êle próprio é orientador, um valioso subsídio, com o seu "O clero e a Ação Social", livro que faz pensar e que se destina a fazer um grande bem nos meios eclesiásticos brasileiros. Um plaquete — "Jubileu Aureo da Rerum Novarum" — é o arquivo dos documentos mais importantes e o espelho das retumbantes manifestações com que, no Brasil inteiro foi comemorada a encíclica de Leão XIII. É um documento para a história social cristã do Brasil. Por último, saiu a "Cartilha Circulista", interessantíssimo trabalho em que se condensa todo o pensamento que orienta o nosso movimento circulista, numa linguagem leve, pitoresca, através de uma imaginada conversa entre operários, nas suas horas de lazer.

Como se pode constatar, somente isto seria suficiente para realçar os méritos reais do trabalho, cada vez mais crescente, da C. N. O. C., no seu caminho de articular, em todo o País, uma união cultural do operariado católico.

Todos esses livros podem se encontrar na sede da C. N. O. C. — Praça Tiradentes, 87 — 2.º andar — Rio de Janeiro.



A verdadeira felicidade não pode consistir em viver na opulência, nos deleites, nos passatempos, e morrer entre as angústias do remorso e desespero.

No mundo ninguém faz mais que prevenir o lugar para seu sucessor; pode-se dizer que nossos bens pertencem a nossos herdeiros; que nós não somos mais que os administradores, e que só usamos deles por tempo determinado, até o dia de entregá-los a outros.

A morte despoja-nos de tôdas as brilhantes aparências; aniquila todos nossos direitos; apaga todo esplendor e todo orgulho.

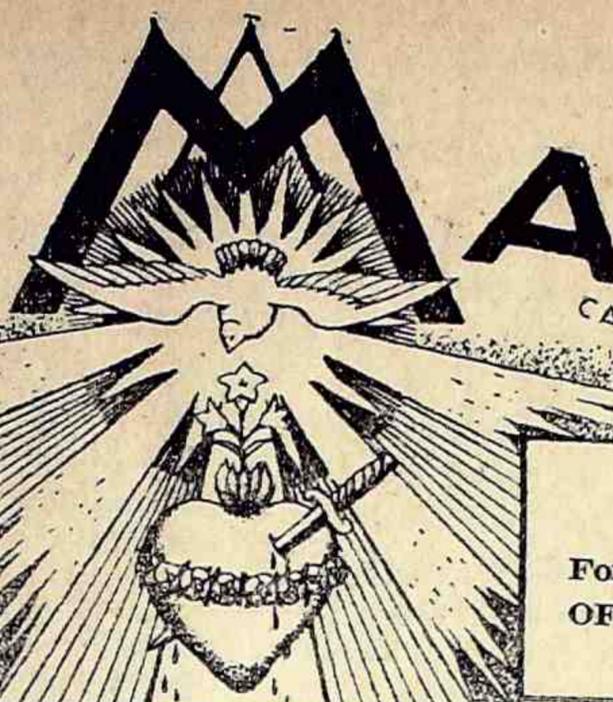
A grandeza mais soberana acaba no sepulcro.

Na hora da morte tôda fortuna e tôda felicidade humana é um sonho, e nada mais.

A verdadeira felicidade é morrer no Senhor. Ainda que o homem tivesse sido pobre, desgraçado e miserável tôda sua vida, ainda que esta tivesse sido a mais trabalhosa, a mais obscura e a mais vil, si morreu na graça de Deus, a essa morte se segue e dessa mesma morte nasce a nobreza mais augusta, a grandeza mais respeitável: uma felicidade eterna, que nem o tempo a pode consumir, nem as mudanças alterar.

Preparar-nos para morrer com a consciência tranquila, com o coração em paz, ha de ser nosso desejo de todos os dias e assim também viveremos doce e sábiamente.

AVE MARIA
REVISTA SEMANAL CATÓLICA ILUSTRADA



ASSINATURAS:
Perpétua . . . Cr. \$150,00
Ano Cr. \$ 10,00
Número avulso Cr. \$ 0,50
(Com aprov. eclesiástica)

RED. E ADMIN.:
Rua Jaguaribe, 699
Fone: 5-1304 - Caixa, 615
OFICINAS: Rua Martin
Francisco, 646-656

A sina da ambição e a felicidade dos "pobres de espírito"

INTENÇÃO PARA O MÊS DE JANEIRO

NO seu rico e soberbo palácio de Esdrelon, em Samaria, estadeava grandezas e domínio a filha dos reis de Tiro e Sidon, conhecida na história pelo nome e alcunha de ímpia Jezabel, vestindo o corpo de púrpura de um vermelho estonteante, empoados de arrebique os olhos fascinantes e traidores, e enfeitada a cabeleira com a tiara que ostentava as pontas da meia lua de Astarte, a Venus oriental, impondo-se e dominando a vontade do rei Acab, fazendo que êste reduzisse ao silêncio da morte os profetas de Israel e querendo com sanha suprimir da terra o grande Elias, o mais milagroso vidente depois do Legislador Moisés.

Mas o seu maior crime pela malícia com que se consumou, foi o de avareza, querendo tirar a vinha de Nabot; pois como não o pudesse pelos meios legais, suborna falsas testemunhas que acusam o dono de blasfêmia contra Jehová e consegue que os juizes o condenem à morte horrível de lapidação.

Pela gula e pela curiosidade perdeu-se Eva; pela ambição criminosa perdeu-se Jezabel, pois o profeta lhe anunciou a morte violenta que não tardara em sofrer, e que o seu cadáver seria devorado pelos cães esfaimados.

Da avareza, mãe de muitos outros vícios e causa de horríveis crimes, quis livrar a humanidade o seu supremo Mestre, não proibindo só essa paixão absorvente, o que fôra inútil, se não suprimisse também a liberdade humana que é condição de vida dos filhos de Adão; mas esforçando a nossa vontade a desprender-se dos bens terrenos, ansiando os bens do céu, e por isso proclama, diante de inumeráveis ouvintes, a primeira condição da felicidade: Bemaventurados os pobres de espírito, porque é deles o reino dos céus.

São felizes, segundo a sua palavra, os pobres de espírito, os que não anelam com afeto desordenado as riquezas temporais; ainda também poderão ser bemaventurados os que, possuindo muitos bens, não se lhes apegou o coração, e o seu espírito está independente dos mesmos nas suas atividades e até na sua perda tão temida, atendendo principalmente ao primeiro alvo que devemos almejar: "Buscai antes de tudo, diz Jesús Cristo, o reino de Deus; e como prêmio ou como resguardo da vida, tôdas estas coisas, todos êsses bens apetecíveis aos sentidos ser-vos-ão dados por acréscimo", como acrescentados aos bens espirituais que primeiro haveis de desejar.

Buscai, sim, em primeiro lugar o rei-

no de Deus: conseguireis a sua paz e amizade que vos fará por sempre bemaventurados. Buscai primeiro e sobretudo o reino de Deus, e vosso coração estará livre dêsse desejos excessivos dos bens da terra que precipitam os homens na carreira dos vícios.

Não buscou Judas o reino de Deus que êle mesmo, como apóstolo eleito, começara a prégar aos homens nas planícies e nos vales da Galiléia; prégara para os outros e não para si mesmo, ansiava amealhar aos poucos e tirando das parcas esmolas que recebiam os apóstolos; pois não contente da suficiêcia que não fálhou no apostolado, ambicionava no princípio e ardia depois em desejos de riquezas que não correspondiam à vocação dos eleitos do Senhor.

Queria, porém, como os grandes avaros, aumentar até a um volume fantástico o tamanho do seu escondido tesouro; adquiria furtivamente e pretendia enriquecer até por meios os mais condenáveis e que ninguém teria suspeitado, nem êle mesmo teria ousado no princípio usar, pois aceitando então o seu sublime destino de prégador da penitência, não pretenderia enriquecer, se tal imaginasse, com a traição e a venda do seu divino e adorado Mestre.

A pobreza de espírito, a renúncia cordial ao amor das riquezas tão encarecida por Jesús, não penetrou no coração do futuro traidor, como está longe de penetrar no âmago das almas avarentas, porquanto as almas e corações dêsse ambiciosos só estão dominados pela ânsia de possuir, pelo anelo nunca satisfeito de crescer aos seus próprios olhos em valores argentários, em somas indefinidas de haveres terrenos, dêsse que se podem contar a dedo e apalpar deliciosamente com as mãos e quasi com os olhos, desvanecidos de sórdido contentamento.

Querem adquirir por todos os meios, conforme à ocasião favorável, conforme às largas esperanças e aos veementes impulsos. Não os movem à compaixão as lágrimas das viúvas exploradas, nem os suspiros dos orfãos desvalidos, nem as privações dos pobres que incautamente recorreram às suas habilidades, nos negócios.

"O mundo se fez para os espertos", exclamam com vozes interiores. "Ai dos vencidos" da vida, repetem inconcientes, como Breno, chefe dos galos que invadi-

ram Roma, exigindo forte soma de ouro para a liberação da cidade; mas não sabia o soberbo e ambicioso vencedor que nos tempos vindouros o povo rei com suas legiões invictas ocuparia toda a Gália pela mão de Cesar, e exploraria sem misericórdia e como represália todas as riquezas dos vencidos pelo correr de quinhentos anos, até a extinção do poderoso império latino.

Pois assim como os que são verdadeiros pobres de espírito serão felizes para sempre, segundo a promessa de Jesús, possuindo o reino dos céus, e ainda neste mundo gozarão de muita tranquilidade e da providência de Deus que não abandona nem os pássaros alados nem os lírios alvos e aromáticos; ao contrário os ricos avaros não podem gozar com socêgo dos seus diletos tesouros: o temor dos ladrões simulados e assassinos, como serpentes; a queda possível do mercado com a ruína clamorosa dos seus negócios; a desgraça alheia que por vezes vem repercutir na fortuna dos demais, e até a prosperidade do vizinho, forjada à custa de muitos concorrentes, apavoram o logreiro sem consciência e o fazem estremecer no íntimo do coração, muito egoísta e de todo cerrado à consideração humanitária, de respeitar os bens e a vida do próximo.

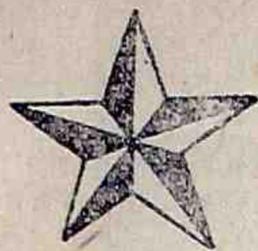
E por fim haverão de temer como castigo o destino fatal do mau rico em confronto com a felicidade do pobre Lázaro.

Tal será, pois, a sorte dos pobres de espírito alevantada por Jesús Cristo, e tal o eito temeroso dos que desdenham seguir o caminho traçado pelo divino Mestre, apegados aos bens da terra, caducos, falazes e ruinosos.

Tendo, pois, suas vistas os arquiconfrades na vida e virtudes de Nossa Senhora, considerem a sua pobreza de espírito, pobreza que professou de coração, pois ela não se prevaleceu da sua influência na presença de Deus para lhe pedir as riquezas que lhe dessem prestígio temporal, como filha de reis; mas conformou-se totalmente e de coração ao espírito de Jesús Cristo, suportando as incomodidades da penúria e da pobreza real: assim os devotos de Maria hão de renunciar às ambições, aos desejos imoderados dos bens da terra, estando contentes com aqueles que lhes forem suficientes para si e para o bem estar das suas famílias.

P. Luis Salamero, C. M. F.

PÁGINA CLARETIANA



Flores de Santo e labaredas de Apóstolo



PÁTRIA E BERÇO

A PARECE-NOS sempre na recordação dos albores da vida, iluminado por vales e montanhas, rios e campinas, o berço lindo da própria existência, aquele torrão querido onde soabrimos os olhos e recebemos o primeiro beijo de mãe inesquecível.

As flores daquela terra, o rumorejar da folhagem, os trinados do passaredo, o gorgolejar de ribeiros e cascatas, o ciclo das preces, os amigos saudosos, tudo, no relevo dos tempos idos, reluz e se alteia à nossa vista, como um retalho do céu, onde andaram sempre unidas a glória com a fé, o patriotismo com a religião.

Mesmo na vida pura e santa, sobrenatural e miraculosa dos heróis da virtude, dos gigantes da perfeição, assinalam-se com traços firmes, as plácidas paragens onde lhes decorreu amorável e jucunda, a ditosa meninice.

Os santos pertencem, é verdade, à legião sublime das almas alcandoradas aos visos celestes e aos cimos elevados do desapego do mundo.

Não perdem, entretanto, a afeição natural da pátria, nem se mostram alheios aos dissabores e alegrias, triunfos e declínios da nação que os recebeu como filhos e os guardou como parcela de sua vida.

E sem medo à contradita podemos ainda garantir haverem sido eles os melhores patriotas, os que melhor compreenderam as lágrimas do divino Salvador, pela derrocada iminente da querida pátria.

Assim se explica que, na primeira página da vida do B. Claret brilhem dois nomes.

ESPANHA E SALLENT

E SPANHÁ foi a pátria. Os agentes éticos da nacionalidade poderosamente influíram nêlo, aperfeiçoados e divinizados pela graça divina. Da Espanha recebeu o ardor combativo, o apego à fé, o amor ao Papa, a devoção a Nossa Senhora, herança tradicional de muitos séculos de trabalhos e de muitas centúrias de formação espiritual.

Sallent chama-se o lugar ou vila onde nasceu. Pertence à região denominada Catalunha. Também as influências mesológicas tiveram marcado influxo na personalidade do B. Claret, brilhando na atividade, constância nas resoluções, seriedade da vida e clareza das idéias.

Privilegiada pátria e abençoada vila que, com ufania, puderam escrever nas páginas áureas de sua história, este nome glorioso: Antônio Maria Claret e Clará.

PROVIDÊNCIA DIVINA

NÃO se julgue casualidade, senão evidente providência divina, um dos fatos acontecidos no amanhecer da vida de nosso Beato.

À falta de saúde da Mãe, Antônio estava entregue aos cuidados e responsabilidade física de conhecida senhora, que o criava ao colo.

Com ela passava as noites, naquela quadra dos primeiros meses da vida.

Foi o caso que o prédio onde morava precisou de sérios concertos para espaçar o porão-adega e assim aproveitar melhor os cômodos da casa. Nada aconteceu de particular, na primeira remoção de entulhos e construção de paredes.

Mas, uma noite, — noite em que, por designio divino, o menino estava em companhia dos pais —, as paredes desabaram, o prédio ruiu fragorosamente e nos escombros ficaram sepultados todas as pessoas da família que o sustentava.

À Providência divina e à particular proteção de Nossa Senhora é que ele mesmo, mais tarde, atribuiu o fato, com estas palavras repassadas de reconhecimento: “Seja louvada a Providência de Deus! Quantas graças devo a Nossa Senhora quem, já na infância, me livrou da morte”...

PENSAMENTOS EXTRANHOS

QUANDO os anos se desfolham no calendário da existência e se esvaecem as ilusões e caem as pétalas perfumadas das efémeras esperanças da terra, então, nessa quadra propícia, os pensamentos se assentam, as idéias adquirem base e solidez indestrutível.

Não vamos referir fatos alheios ao nosso propósito. Recordemos unicamente, entre muitos outros fatos, a conversão do famoso Wiseman. Foi a idéia da eternidade que lhe deu o golpe de graça, a derradeira acometida na fortaleza de sua alma. “A vida é breve, a eternidade longa”.

Em pessoas amadurecidas pelos anos, estão como que em seu centro tais profundos pensamentos.

Mas também quando se tem em conta o fator-graça, o fator principal da vida espiritual, essas idéias cabem e adaptam-se à justa nas crianças.

Era Antônio uma flor de cinco pétalas. E nessa idade de cinco anos, apoderou-se dêlo o pensamento da eternidade que o fazia tremer, que não o deixava descansar, amargurado pela infelicidade dos condenados, bradando em soluços inconsoláveis “sempre, sempre sofrendo. Pobres almas. O inferno jamais terá fim para elas”.

P. Astério Pascoal, C. M. F.

O Coração de Maria na Diocese de Niteroi

A diocese de Niteroi celebrou, de 27 a 30 de Agosto do ano passado, o 1.º Congresso Eucarístico Diocesano. O que fôra aquele grande certame de fé, noticiaram-no todos os jornais, destacando a magnífica e impecável organização do Prelado diocesano, D. José Alves Pereira.

Não se deu, porém, naqueles noticiários, suficiente relêvo ao papel saliente da Padroeira do Congresso, o Puríssimo Coração de Maria.

PADROEIRA DO CONGRESSO

A diocese de Niteroi fez a abertura oficial do Congresso Eucarístico Diocesano com uma pública homenagem ao Imaculado Coração de Maria. Milhares de pessoas, em piedosa procissão noturna, iluminada por velas e lanternas, conduziu a imagem da Padroeira ao Estádio, onde deveriam celebrar-se as sessões e os atos da parada eucarística.

Com aclamações incessantes fôra recebida a bendita imagem e colocada no altar-monumento, seguindo a consagração da diocese ao Imaculado Coração de Maria, recitando-se por todos a oração oficial daquele grandioso preito filial.

Foi assim, sob a proteção daquele Coração maternal, que o Congresso atingiu o brilhantismo que todos sabemos.

ORIGEM DA DEVOÇÃO

Certamente providenciais poderíamos chamar os primórdios desta devoção, naquela abençoada diocese.

Era no dia 24 de Abril de 1894. No crepúsculo vespertino, quando os sinos anunciavam as Ave-Marias, na cidade de Campos, D. Carlota Pinheiro entrava desfeita em pranto numa família profundamente cristã, de tradições religiosas enraizadas em muitos anos de existência.

Explicava com os olhos marejados de lágrimas as blasfêmias proferidas contra Nossa Senhora por um pastor protestante, que por lá andava a envenenar e desorientar os simples e humildes moradores da cidade.

A família, que tudo ouvia e cujo chefe se chamava Teófilo Carlos de Gouvêa, teve uma inspiração de desagravar a Nossa Senhora de tais horrorosas blasfêmias.

A inspiração foi fundar uma devoção com o título de Imaculado Coração de Maria.

Sem demora, no dia 31 de Maio daquele mesmo ano, havendo trocado uma imagem, fizeram fervorosa procissão, em que tomaram parte, além de outros inúmeros fiéis, 500 pessoas vestidas de branco. Ao passar a procissão frente a chafarica protestante, a imagem do Imaculado Coração de Maria parou durante alguns momentos, como a pedir-lhe uma solução naquelas injúrias recebidas publicamente na cidade.

O resultado contam-no os moradores. No dia seguinte, o pastor protestante sumiu, sem que jamais voltasse a ferir os brios e sentimentos católicos da população.



INGÁ PELO CORAÇÃO DE MARIA

Pelo decreto de 4 de Dezembro de 1922, a cidade de Campos ficou desmembrada da diocese de Niteroi. Mas as paróquias foram paulatinamente recebendo o influxo salvador do Imaculado Coração de Maria.

A primeira, depois de Campos, foi a de Nossa Senhora das Dôres, do Ingá.

Fundou-se a Arquiconfraria no dia 22 de Dezembro de 1935. E tantos têm sido os resultados obtidos que bem satisfeita pode estar, a estas horas, com a florescente associação.

Alastra-se o fervor e propaga-se a piedade de maneira maravilhosa. Celebra aos sábados a missa e, sobretudo nos primeiros sábados, percebe-se às claras a confiança dos arquiconfrades ao rezarem pelos sacerdotes e ao renovarem o ato de Consagração ao Imaculado Coração de Maria.

A florescência dessa Arquiconfraria atestamos a obra caridosa que está fazendo, pagando a carreira a dois seminaristas pobres.

VISITAS DO CORAÇÃO DE MARIA

A Arquiconfraria compreendeu bem a finalidade que lhe incumbe a que deve dirigir os seus trabalhos: a conversão dos pecadores. É para isso que, com a competente autorização, iniciara em 24 de Maio de 1938 as visitas domiciliares, indo de casa em casa, sem parar nenhum dia, havendo pedidos constantes para essa bondosa Mãe entrar nos lares e atrair os corações.

OUTRAS PARÓQUIAS DA DIOCESE

Também outras paróquias quiseram participar dos frutos benfazejos da Arquiconfraria e, sem medir sacrifícios, a estabeleceram

com reconhecido proveito. Eis o resumo do estado atual em que se encontram, nas respectivas paróquias:

Saco de São Francisco: Fundada em 1938. Diretoras de câro, 9; Associadas, 17; Visitas domiciliares, 28; Missa mensal, 1.

São Lourenço: Fundada em 1939. Diretoras de câro, 32; Associadas, 87; Visitas, 48; Missa mensal, 1.

Barreto: Diretoras de câro, 17; Associadas, 146; Visitas, 42; Missa mensal, 1.

Bemposta: Fundada em 1941. Diretoras de câro, 10; Associadas, 42; Visitas, 36.

Catedral: Fundada em 1942. Diretoras, 19. Associadas, 46; Missa mensal e Hora Mariana.

São Gonçalo: Fundada em 1942. Diretoras, 30; Associadas, 120; Missa mensal e 18 visitas.

Cachoeira: Fundada em 1942. Diretoras, 12; Visitas, 16 e missa mensal.

FELICITAÇÕES E IMITAÇÃO

É um glorioso quadro de honra para a diocese de Niterói a fundação da Arquiconfraria nessas oito paróquias. É a compreensão clara e inabalável de que devemos ir ao Sagrado Coração de Jesus por meio do Imaculado Coração de Maria. É o exemplo de dedicação para outras Arquiconfrarias.

E à incansável D. Maria Isabel Gouvêa, alma deste movimento, e de cuja família saíram estas chamadas cordimarianas, os nossos agradecimentos pelos dados preciosos que, em síntese, oferecemos aos leitores.

A. P.



Sementeiras vivas

Aos seus diocesanos que lhe pediam bons sacerdotes, respondeu o grande Bispo Ketteler com esta frase, detentora de uma grande verdade:

— Dai-me vós boas mães de família e eu vos darei bons sacerdotes.

Nada mais verdadeiro. Boas mães de família! Eis aí a condição precípua, donde promana o desabrochar das vocações sacerdotais, o futuro da Igreja Católica.

A boa mãe de família é o instrumento de que se serve Deus para amoldar o coração de seu filhinho e avivar-lhe no peito inocente a chama sagrada da vocação sacerdotal, que o Senhor nêle deposita.

Faz-se mister, porém, que a boa mãe de família esteja à altura da sua sublime missão junto ao filhinho escolhido por Deus para o serviço mais direto. Como seria para lastimar sinceramente se a mãe desse ao filho o mau exemplo de uma vida mundana e dissipada, esquecida dos seus encargos sagrados no recesso do lar, ao invés de plasmar-lhe a alma e dispô-la para os grandes e nobres ideais!

A mães, dignas deste nome, deve a Igreja muitos e grandes luminares da santidade e da ciência. Não fora a heróica e abnegada Mônica e a Santa Igreja não teria tido este luzeiro que se chamou Santo Agostinho. Não fora a abnegação de uma Mãe Margarida e a juventude

teria perdido um de seus mais modelares guias nos caminhos da fé e da ciência, S. João Bosco.

Na nossa querida pátria o problema das vocações sacerdotais tomam uma feição particular. É tão evidente a escassez de sacerdotes em nosso meio, que se tornou este o mais urgente problema e o que exige solução mais imediata.

E a Santa Igreja na nossa terra apela para o coração materno das mães brasileiras! Delas depende em grande parte a solução de tão momentosa exigência. Elas são as SEMENTEIRAS VIVAS, onde nascem as flores do santuário, que mais tarde serão os Ministros do Senhor, as colunas da Religião Católica.

Felizmente entre nós não rareiam exemplos de fibras de verdadeiras mães, que têm apontado às suas patrícias as sendas gloriosas do sacerdócio como a vocação mais sublime que Deus pode conceder aos seus filhos e que deve ser cultivada onde Deus a suscitar no seio da família. É ZÉLIA, a heróica mãe de quatro sacerdotes e cinco religiosas, que ensina às mães brasileiras o exemplo a imitar.

MÃES BRASILEIRAS! Acreditai-o! É para vós, como as sementeiras vivas, que a Igreja apela, para a solução do mais árduo problema que agita o Catolicismo no BRASIL! Não deixeis atascar-se no reboliço do mundo ou no tremedal do vício o coração de vosso filhinho, palpitante de inocência e que Deus, na sua bondade, chamou ao santuário do sacerdócio. Tornai o ambiente familiar propício à proliferação das vocações sacerdotais, que Deus for plantando no seio de vossas famílias e que serão mais tarde o esteio moral e espiritual do nosso BRASIL.

Que vos custará o sacrifício de um ou mais filhos quando Deus abençoa o vosso lar com um belo número de pimpolhos, o que deve ser o anelo ardente da esposa cristã?

Um filho sacerdote será a vossa consolação. Com um coração sacerdotal êle saberá amar-vos mais e só isso compensaria todos os vossos suores. No céu um filho sacerdote será para vós, MÃES CATÓLICAS DO BRASIL, o mais belo título de glória!

Obrai assim e estai certas de terdes cumprido vosso dever, o mais sagrado, perante Deus que vos pede um filhinho e perante a pátria que reclama a ação, o zelo e a santidade de mais um sacerdote!

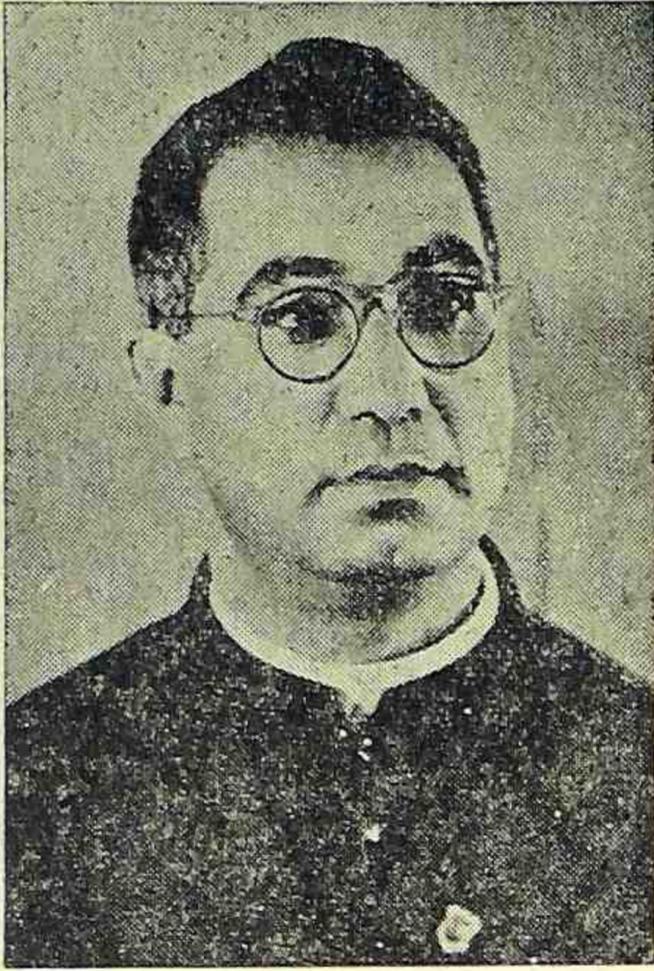
E. OLIVEIRA LIMA, S. D. S.

Congresso de Imprensa Católica

Com numerosa assistência de diretores e redatores dos jornais católicos da América do Norte, sob a presidência do Arcebispo de Chicago, celebrou-se proveitoso Congresso de Imprensa Católica.

Foram notáveis os conceitos exarados pelo Mons. Smith e que aqui transcrevemos:

“A imprensa é a grande aliada da Igreja. Depois da Santa Missa e dos Sacramentos, é a arma mais eficaz da mesma Igreja. A imprensa católica é a obra privilegiada de Deus.”



RVMO. P. ASCANIO BRANDÃO,
o infatigável batalhador da imprensa
católica e apreciado colaborador do
"Meu Cantinho".



O SANTO DA SEMANA

JANEIRO

- Dia 3 — Domingo do Santíssimo nome de
Jesus; Santo Antero; São Cirino.
- Dia 4 — São Prisco; São Prisciliano; São
Marciano; Santa Benta.
- Dia 5 — São Telésforo; São Simão Estilita;
Santa Emiliania; Santa Apolinária.
- Dia 6 — † Epifania - Santos Reis: Gaspar,
Melquior, Baltasar.
- Dia 7 — São Julião; São Luciano; São Teo-
doro; São Reinaldo.
- Dia 8 — São Severino; São Teófilo; Santo
Eládio; São Máximo.
- Dia 9 — São Celso; São Fortunato; Santa
Basilissa; Santa Marcionila.

Vanguardeiros da Imprensa

Rvmos. Irmãos Propagandistas

Amanheceu com sorrisos, amplexos e espe-
ranças o Ano Bom. E na sua matinada cantante
aqui nos encontrou a todos reunidos na redação
e oficinas.

1943 não veio assim tão tristonho nem en-
fastiado. Muito ao contrário, encheu de luz as
nossas salas e prometeu-nos farta e plena fe-
licidade.

Demos-lhe as Bôas Vindas e aqui se ame-
sendou, ao nosso lado, como si fosse amigo de
longos anos e colega de trabalhos.

Com a sua roupagem nova, trajado de fes-
ta, porque sempre o Ano Bom é uma grande
festa, alguém teve a curiosidade de observá-lo
mais de perto. Achevou-se dêle, fitou-lhe os
olhares, observou-lhe o jeito e veio nos contar
uma nova... 1943 é como os outros anos sumi-
dos na voragem dos tempos e desaparecidos da
nossa vista.

Com o sorriso nos lábios e a alma enchida
de animação todos repetimos: 1943 é como os
outros anos.

Ano de trabalho, ano de conquistas e ano de
glórias...

Sem delongas, a colmeia de trabalhadores
e propagandistas, que é a nossa revista, voou
célere através de estradas e cidades, em cum-
primento da mensagem radiosa trazida pelo
Novo Ano, nas dobras de sua roupagem nova.

Sairam novamente, em propaganda da re-
vista os nossos vanguardeiros, os queridos
Irmãos propagandistas.

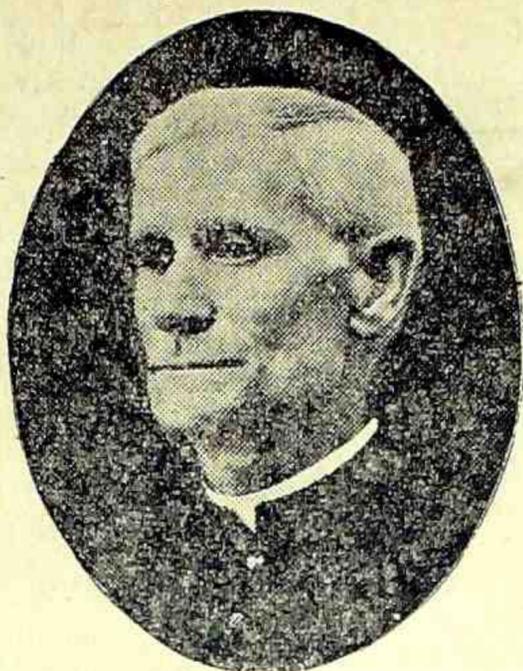
Passaram nesta casa as festas familiares do
Natal. Compartilharam do gaudio desta casa,
porque é a sua casa, a sua família. Praticaram
o Santo Retiro, que lhes reconfortou a alma e
lhes adoçou os azedumes experimentados na tra-
jetória de suas penosas jornadas.

Agora novamente em pleno trabalho. Pelas
alterosas de Minas, pelas coxilhas do Sul, pelas
várzeas e planícies de São Paulo estão os nossos
vanguardeiros perlustrando vilas e cidades. Dar-
dejados pelos raios quentes dum sol a pino ou
fustigados pelo vento navalhante dum frio in-
verno, aí estarão eles, a postos, na missão glo-
riosa de dilatar o bem, com a propaganda da
popular e veterana "AVE MARIA".

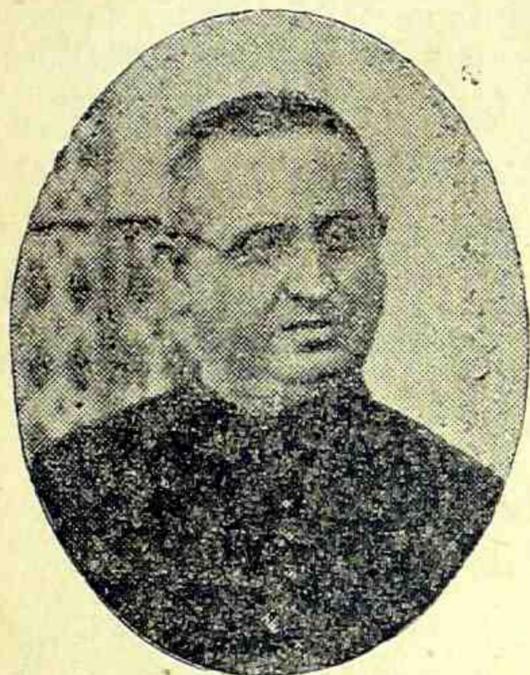
Deus os acompanhe e Deus os guarde, no
Ano Bom de 1943.

Leitor, queres auxiliar a obra dos Missionários? Reüne selos usados, nacionais e
extrangeiros, e envia-os ao Diretor do C. F. M. — Curitiba — Caixa Postal, 153.

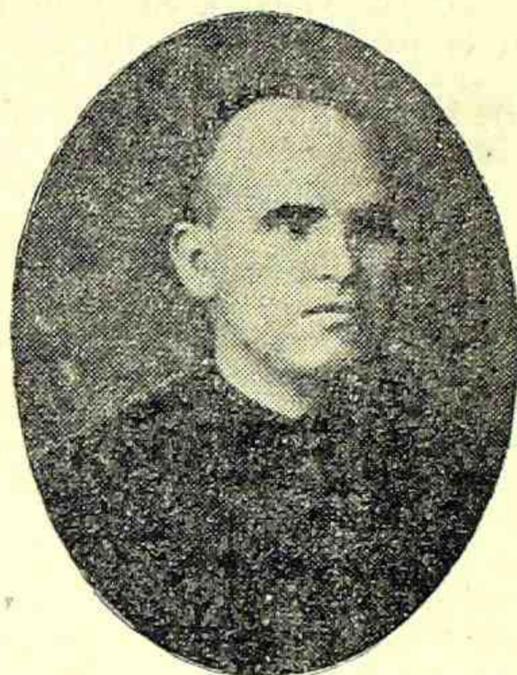
Nossos Irmãos Propagandistas



Irmão Norberto Arribas



Irmão Joaquim Abad



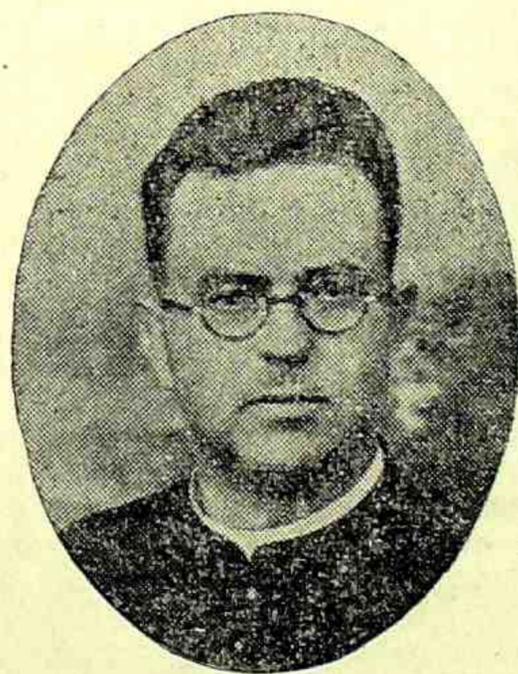
Irmão André Balsells



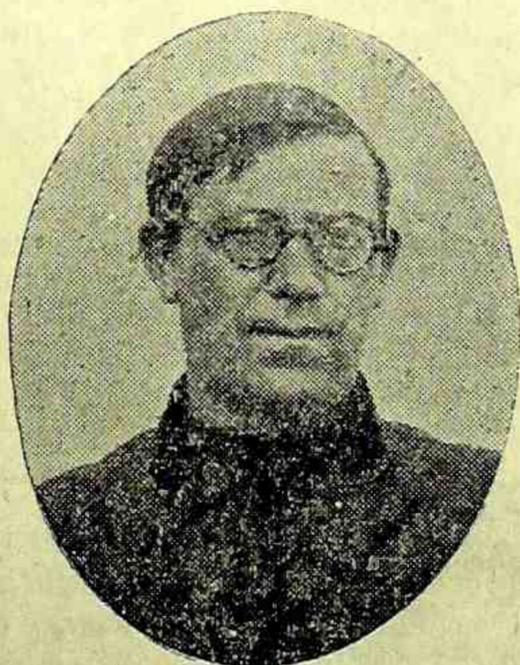
Irmão Antônio Domingos



Irmão João Arsuaga



Irmão Angelo Carol



Irmão Alexandre Domingues



Noticiário

Católico

Liga das Senhoras Católicas

Celebrou esta entidade religioso-social o vigésimo aniversário de sua fundação. Quasi novel no aparecimento, pode contudo oferecer longa folha de serviços que a atestam como obra prestimosa e beneficente, tão acarinhada pelos que prezam a caridade divina e bem estar dos faltos de fortuna e privados do carinhoso aconchego da família.

A Liga das Senhoras Católicas compõe-se apenas de mil associadas. Arrastadas, porém, aos impulsos ardorosos da caridade, conseguiram formar dez departamentos através dos quais desenvolvem um programa completo de maravilhosas realizações.

Foram as suas primeiras e mais dedicadas atenções para os menores abandonados, construindo para êles a "Casa da Infância", o "Educandário D. Duarte" e o "Berçário", onde presentemente estão internadas 1.552 crianças, de diferentes idades, dispendo de quinze pavilhões, além dos destinados à Igreja, Grupo Escolar, Escola Profissional e demais misteres do Educandário.

Cuida ainda a mesma Liga das Senhoras Católicas, da juventude feminina. Para elas mantem a Escola de Educação Doméstica, com 451 alunas, que se preparam proficientemente para a vida de verdadeiras donas de casa.

Importantes instituições das Senhoras Católicas são também a Pensão Santa Mônica, onde moças e senhoras pobres recebem hospedagem por preços módicos com a garantia principal da preservação espiritual, e o Restaurante Feminino onde, em 1941, foram fornecidas 158.446 refeições às jovens comerciantes desta capital.

Na passagem deste vigésimo aniversário vêm a calhar merecidos aplausos às incansáveis distribuidoras do bem e da caridade divina aprendida no convívio da Igreja Católica.

Dispensa de jejum e abstinência

Usando das faculdades concedidas pelo Santo Padre por todo o tempo da presente guerra, os srs. Bispos da Província Eclesiástica de São Paulo dispensaram os fiéis da lei do jejum e da abstinência, com exceção da Quarta Feira de Cinzas e da Sexta Feira Santa, nos quais dias permanecerá em vigor e obrigará a todos os que estiverem sujeitos à dita lei.

Semelhante concessão estão fazendo, para os seus diocesanos, os outros Exmos. Srs. Bispos de todo o Brasil.

Exposições notáveis

São muitíssimas, nas capitais e no interior, as exposições de trabalhos, roupas e de outros objetos, feitas no encerramento do ano e por ocasião do santo Natal.

A escola paroquial de Corte e Costura, de Guarulhos, timbrou em sua exposição de roupas para mais de 500 pobres, atestando a sua pujança e desdobramento conseguido sob os auspícios da paróquia dos Missionários do Coração de Maria.

Outra exposição valiosíssima, nesta capital, é a dos trabalhos missionários das Prelazias de Alto Solimões e Tefé. Esses trabalhos e objetos não chegaram em tempo para a grandiosa Exposição Missionária do IV Congresso Eucarístico, pelo atrazo do navio, e agora estão expostos a milhares de visitantes que percorrem as salas cheias de monstruários, com mil e uma variedades, onde se avalia a riqueza daquelas regiões da Amazonia e onde se verifica o labor frutífero da catequese missionária.

Pequenas Missionárias de Maria Imaculada

A florescente Diocese de Taubaté recebeu com especiais demonstrações de simpatia a notícia da eleição, pela primeira vez, da Superiora Geral e respectivo Governo, da Congregação de Pequenas Missionárias de Maria Imaculada, obra mimosa daquele Bispo venerando que foi D. Epaminondas Nunes de Avila e Silva.

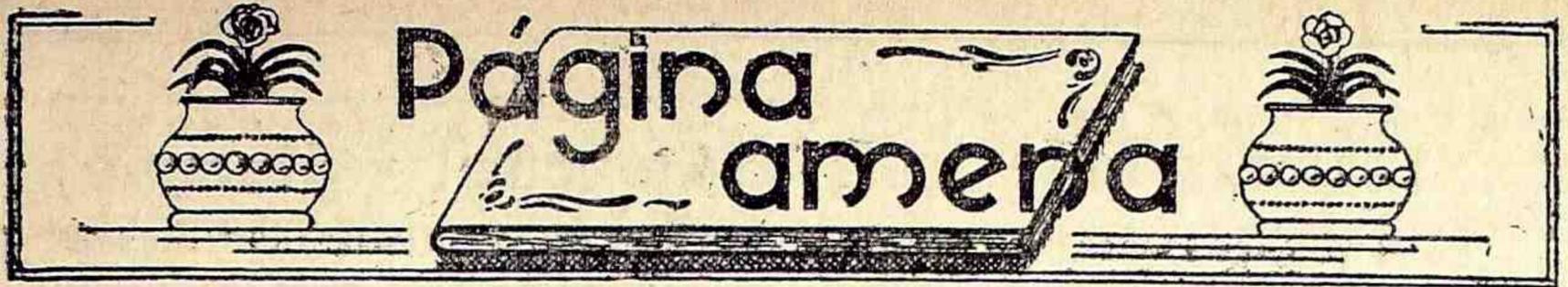
Está de parabens a benemérita Congregação, que tão incontestes serviços tem prestado, principalmente na assistência hospitalar e na dedicação heróica para com os enfermos a domicílio. A Igreja é sempre mãe fecunda das causas uteis e dos benefícios salutarés.

Para as mais prementes necessidades tem oportuno remédio. Daí a multiplicidade harmônica de Congregações e Institutos religiosos.

Difícil se tornaria resumi-los. Margarida Sahali, dos Estados Unidos, teve faz dois anos idéia originalíssima a êste respeito. Quis, comovida e grata, manifestar a seus compatriotas as múltiplas Congregações Femininas da Igreja Católica e para isso vestiu várias centenas de bonecas com os hábitos atraentes das religiosas, lindos hábitos de variadas cores, na sua sequência interminável. A interessante exposição atraiu a curiosidade de muitos e o interesse histórico de outros, vendo aquele atestado silencioso, posto que magnífico e eloquente, da vitalidade perene da Igreja Católica, na visão ridente de tantas pequeninas religiosas de Cristo.

* Meu Deus! abandono o meu passado à vossa infinita misericórdia, o meu futuro à vossa divina providência, consagro o meu presente ao vosso divino amor.

(Soror Branca.)



A entrega da maleta

ANTES de passar desta para melhor vida, o velho, não tendo parente próximo, confiou ao visinho uma pequena maleta com dinheiros, para serem remetidos ao filho quando este, findo o serviço militar, regressasse do regimento. Abusando da confiança, o depositário apropriou-se da herança e, logo que o dono legítimo se apresentou, não hesitou em negar o depósito.

— Aquí está a carta do meu pai com o endereço do senhor e a data da entrega.

— Ignoro de que se trata. Parece que o amigo está a sonhar.

Reclamações, protestos, rogos e ameaças ficaram inúteis, na falta de qualquer recibo, e o finado, na boa fé, não deixara documentos. O moço saiu desapontado, a ruminar projetos de vingança, quando “deu de cara” com um colega de infância e de escola, que fôra sempre o divertimento da localidade pelo seu espírito folgazão e seu dom de arremedar. Ao deparar o amigo preocupado, o brincalhão perguntou pelos motivos do aborrecimento. A vítima contou a história timentim por timentim, até que o jocoso, batendo-lhe no ombro, disse a sorrir:

— Para tudo ha remédio, menino. Nem parece que você é um soldado velho que não se deveria apertar. Conheço o gajo que se tornou ladrão pela ocasião e não pelo costume. Deixe tudo por minha conta e risco. O homem é supersticioso, crente em espíritos e visagens. Vamos pega-lo “na curva”.

— Confio em você, mas...

— Mas o que?... Você guardou a roupa do velho?

— Não mexi em coisa nenhuma.

— Ótimo!... Dá-me a fatiota e os acessórios, e hoje à noite, diante da casa do espertalhão, podes esperar pela tua herança, em companhia de alguns amigos.

O engraçado tinha o dom de caracterização, sem jamais ter frequentado um teatro. Sabendo trajar, pintar-se e arremedar com perfeição, podia imitar qualquer personagem. Não lhe seria difícil, pois, copiar o porte, os gestos, a voz, os cabelos, a barba do finado, uma vez que lhe confiassem a indumentária do mesmo.

Qual não foi o espanto do ecônomo infiel, quando se viu, pelas oito da noite, “cara a cara” com o defunto, que vinha, como quando em vida, embiocado na mesma levita, fechada na gola e pendente até meia perna! Era o mesmo calção de veludo, amarrado com fitas abaixo do joelho, eram as mesmas botas de cano alto, com dobras em cima. Eram os mesmos óculos, os mesmos cabelos brancos, a mesma barba de neve. Apenas o queixo, acompanhando os abanos da cabeça, imprimia maiores sacudidelas à barba patriarcal.

— Boa noite! — disse, soturnamente, a visagem.

O depositário não acreditava em seus olhares. Ficou de um branco lívido que, aos poucos, tomou a côr do chumbo, e os dentes começaram a bater, enquanto um movimento convulsivo lhe agitava o corpo todo. A custo, o homem arrancou da garganta um tímido:

— Boa noite!

— Como vai? — perguntou o ressuscitado.

— Não havia dúvida! Era o finado com seu timbre, sua pronuncia, seu modo de arrastar as palavras e seu leve tremor de voz. Bem diziam os sábios que as almas do outro mundo voltam, materializadas no corpo e no vestuário! E ainda havia gente para negar estes fenômenos, quando ali estava um finado com seu aspecto físico, seus ademanes, seus trajés e seu cajado, numa reedição impecável do que fôra quando pertencente ao mundo terrestre!

O ladrão, firmando-se um pouco mais, respondeu aos pedacinhos, por prestações:

— Vou... in...do... bem... O...bri... obrigado. Mas não... foi o... o senhor... que morreu?

— Fui, mas como sabe, ou deve saber, os defuntos podem materializar-se quando um médium competente toma conta deles... Estou nesse caso... Vim dar uma volta, com saudades dêste mundo velho...

— É ele mesmo! — murmurou o depositário.

— Então, queria que fosse outro?

E o defunto, como na época em que vivia na localidade, soltou uma daquelas casquinadas asmáticas e acatarroadas, bem conhecidas na região.

— Que coisa!... Que coisa!... — monologava o deshonesto.

— Antes de ser desmaterializado, — disse a visagem — desejava entregar a maleta ao meu filho, com a herança que o amigo sabe. Senão, terei de voltar aqui, até que o meu herdeiro fique satisfeito e a justiça também.

— Cá está tudo!... Deus me livre de ofender almas do outro mundo, amparadas por um médium tão extraordinário!...

Espicaçado pelo remorso e pelo medo, o espertalhão entrou num dos quartos e voltou com a maleta na mão.

— Aquí tem o seu tesouro!

— Não falta nada? — perguntou a sombra, que parecia de gênio desconfiado.

— Nada... nada... Pode conferir. Aliás, eu tencionava remeter tudo nas mãos do seu filho.

— Obrigado pelas suas boas intenções...

No mesmo instante, o espectro aproximou-se da porta da rua e gritou alto e bom som:

— Chegue aqui, minha gente! Temos novidade bastante!...

O moço e uns amigos estavam à espera, como fôra combinado. Aproximaram-se e

encontraram no corredor, perto da entrada, o finado e o espertalhão. Vale a pena lembrar que o ladrão estava quasi a morrer de espanto.

— Toma o que é teu! — disse a sombra ao herdeiro, ao entregar-lhe os objetos. — E agora, senhor ladrão de heranças, fique sabendo que defunto não volta da sepultura.

Diante do homem estarecido e quasi louco, o finado tirou o chapéu, a levita, os óculos, os cabelos, a barba e o cajado, até aparecer sob as feições do maior brincalhão da vila.

Os populares, aumentados por um bom número de curiosos da última hora, riam e aplaudiam, sem dó do ladrão que, desmaiado, caiu nos braços do ex-defunto.

Padre Dubois

Deus ouve rugir

Havia numa paróquia próxima a uma serra brava e muito falada, um menino muito interessante. Sempre doente, nem sequer podia frequentar a escola, mas aprendeu o catecismo, fez a primeira comunhão e teve sempre muito tino.

Os outros rapazes convidavam o Chiquinho para ir apanhar laranjas com eles no vizinho:

— Qual! não faço isso. Deus nos vê.

— Que nada! — disse um dos mais azougados. — Vem conosco!

— Não vou, já vos disse. Deus ouve rugir.

“Ouve rugir...” Que bela e sugestiva expressão!... Queria o menino dizer que as folhas das laranjeiras não podiam deixar de rugir e chamar a atenção. Não a atenção da polícia, mas a de Deus.

* O amor próprio é o maior dos adutores.
(La Rochefoucauld.)

Atenção! - Atenção!

MEIO FÁCIL DE AUXILIAR AS MISSÕES

É recolher e enviar-nos selos usados, sobretudo selos comemorativos.

Que é um selo comemorativo?

É o selo feito para comemorar algum fato importante da história, para lembrar a pessoa ou a memória de um filho ilustre da pátria, de um sábio, de um inventor, de um governante. Em geral, é um pouco maior que os outros selos, de cores mais agradáveis: mais bonito, numa palavra. Costuma ainda trazer inscrita alguma data.

Condições: Mas para que esses selos possam ser utilizados é necessário que reúnam certas condições: assim um selo rasgado, raspado, cortado, por pouco que seja, não tem nenhum valor.

Por isto não tirem o papel dos selos, sem colocá-los antes na água: do contrário, quasi sempre o selo ficará inutilizado. Para evitar este inconveniente, preferimos receber os selos comemorativos ainda grudados no papel do envelope, com um centimetro de papel, pelo menos, ao seu redor.

Modo de enviar os selos: Por correio, dentro de um envelope, se for pequeno • número de selos. 50 e até 100 selos podem ser assim enviados. Se forem mais, mandar por encomenda. Se os selos forem comemorativos, em número regular, é conveniente registrar o envio.

Enviai, pois, selos, sobretudo comemorativos, ao Diretor do Circulo Filatélico Missionário, Curitiba (Paraná), Caixa Postal, 153.

Assim auxiliareis os Missionários e sereis os seus Cooperadores na salvação das almas!

O sino

e o

sineiro

FREI SOLITÁRIO

Eram, sino e sineiro, uma alma sonora...
Davam mesmo a impressão que eles nasceram juntos
Abriam no aleluia a boca venturosa
E choravam também sobre os irmãos defuntos.

Atestavam na vila humilde e remansosa
O mais doce e feliz de todos os conjuntos.
Ambos santos cristãos de prece fervorosa...
Seria muito bom se eles morressem juntos...

Veiu a febre ao sineiro, e o sino mal tangido
Deixava o povileu a perguntar sentido:
«Quem sabe se também o sino adoeceu?»

Parece até que Deus põe alma no destino:
Ninguém ousou tocar nem uma vez o sino
No dia em que o sineiro, em placidez, morreu!



* **O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA** assinou um decreto-lei, abrindo pelo Ministério da Educação o crédito especial de Cr. \$52.000,00, para despesas com o serviço de expurgo de aviões nos aeroportos do país, a cargo do Serviço de Saúde dos Portos.

* **O DR. GETÚLIO VARGAS** assinou decreto concedendo às instituições assistenciais e culturais brasileiras, subvenções no valor de Cr. \$4.170.000,00.

* **O INTERVENTOR FEDERAL DO ESTADO DA BAIÁ** acaba de remeter ao Conselho Técnico de Economia e Finanças do Banco do Brasil a importância de Cr. 53.199.932,80, afim-de satisfazer os compromissos assumidos com os nossos credores estrangeiros.

* **O GENERAL DESIDERATO HORTA BARBOSA** participou à Diretoria de Engenharia ter ficado concluída a construção da Estrada de Ferro São Luiz-Santiago, com a extensão de 116 quilômetros.

* **FOI INAUGURADA** a rodovia Itajaí-Joinville, no Estado de Santa Catarina, com a presença do interventor federal autoridades e milhares de pessoas. A rodovia se reveste de particular importância, pois irá servir à futura rodovia transcontinental.

* **A RECEITA TOTAL DA CENTRAL DO BRASIL**, das estações e de outras proveniências, tinha sido orçada para 1942 em Cr. \$400.000.000,00 mas somente a receita das estações já havia atingido aquela soma o que faz prever que a receita total da estrada passará a Cr. \$450.000.000,00 no corrente exercício.

* **EM VISITA AO INTERVENTOR FEDERAL DA BAIÁ**, o conselheiro Antônio Seabra, esteve em seu palácio, afim-de comunicar que a família de J. J. Seabra cumprindo um desejo do ilustre baiano recentemente falecido, resolvera doar ao Estado a sua biblioteca particular. O interventor federal pediu ao conselheiro Antônio Seabra que transmitisse à sua família a gratidão do Estado por essa valiosa oferta.

* **REGRESSOU DOS ESTADOS UNIDOS**, o diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil, major Alencastro Guimarães. Procurado pela reportagem, s. s. disse que naquêlê país amigo entrou em entendimento para a regularização e intensificação dos abastecimentos necessários à ferrovia. Informou, também, que como ponto principal de sua missão levou a incumbência da aquisição de trilhos para a execução de ligação do norte-sul do Brasil. Essa ligação, cuja importância estratégica, política e econômica é bastante conhecida, representa a materialização da unidade nacional. Adiantou ainda que foram iniciadas nos Estados Unidos as negociações para o prosseguimento da eletrificação da Estrada de Ferro Central do Brasil.

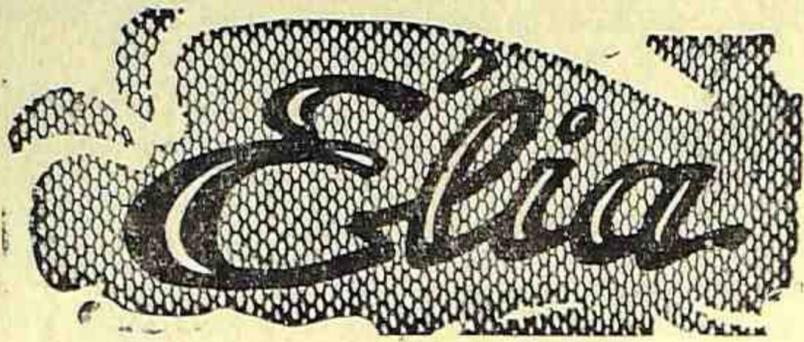
* **O CONSELHO NACIONAL DE MINAS E METALÚRGICA** aprovou uma indicação, a ser transmitida ao presidente da República, no sentido de determinar o governo que o mesmo Conselho fique encarregado de intervir na produção e no transporte do carvão nacional, para o fim de incrementar a primeira e providenciar o segundo e assegurar o fornecimento dêsse combustível às indústrias do país, de acordo com as suas necessidades.

* **UM JORNAL, DESTA CAPITAL**, estuda as nossas possibilidades sobre a produção do trigo, afirmando que o Paraná tem uma área tritícola de 12 milhões de hectares, sendo que no triênio de 1939 a 1941, exportamos 31.550.996 quilos de farinha de trigo, num valor de Cr. \$32.119.899,00. A estimativa oficial para a safra de 1942 a 1943 é de 14.348.000 quilos situando-se assim êste Estado como vanguardeiro nessa cultura.

* **PELO DECRETO-LEI N.º 5.120**, de 19 de dezembro de 1942, o Presidente da República aprovou o orçamento geral da União, para o exercício financeiro de 1943. A despesa está fixada em Cr. \$5.270.160.879,00 e a receita estimada em Cr. \$4.777.673.000,00. Ha, portanto, um "deficit" de previsão de Cr. \$492.427.879,00, que é menor em Cr. \$144.833.015,00, do que o previsto no orçamento de 1942. Comparado com êste orçamento, o do exercício de 1943 apresentou um aumento de despesa de Cr. \$244.083.985,00 e uma receita majorada em Cr. \$388.917.000,00. Pode-se afirmar que o aumento da despesa de 1943 sobre 1942, é da ordem de 4,86% e o da receita de 8,86%.

* **O INTERVENTOR AMARAL PEIXOTO** baixou um decreto-lei criando, na capital do Estado do Rio, a Fundação, Lar do Operário Fluminense, a que compete promover a ação social contra as "vavelas", construindo prédios higiênicos e confortáveis para serem lotados mediante módico aluguel. Além disso dará a assistência material, moral e espiritual aos conglomerados humanos localizados nos morros, em casebres circunvizinhos, preparando-os para o novo e melhor nível de vida, a que tenham de passar, estimulando-os para o trabalho, a economia e a sobriedade bem como incutindo-lhes a verdadeira noção das responsabilidades da família. Muitas dessas atribuições estavam aliás a cargo do Centro Social, também criado pela sra. Alzira Vargas do Amaral Peixoto e cujas instalações constituem agora patrimônio da Fundação Lar do Operário Fluminense. O órgão instituído pelo Interventor Federal tem ainda como finalidade proporcionar a operários, alimentação racional, socorros médicos, farmacêuticos, hospitalar e assistência judiciária, prodigalizando à infância e à juventude daqueles locais educação e instrução sob todos os aspectos. Nove das casas já construídas serão dadas em usufruto, segundo estipula o mencionado decreto-lei a famílias dos marítimos residentes no território fluminense, pericidos no torpedeamento dos navios mercantes nacionais.

Biblioteca amena da "AVE MARIA" (56)



— Elia — repôs a marquesa com suave tom —, ficar é um dever que te imposto com os direitos que sôbre ti me legou tua mãe; é uma homenagem à sua memória. E si ha ternura em chorar, ha mais mérito em respeitar e acatar as pessoas queridas que Deus chamou a si.

Elia sentou-se de novo.

Tendo aberto o envelope lacrado, o escrivão, desdobrando o testamento, pôs-se a lê-lo em voz alta.

Depois de vários legados a obras pias, declarava Elia herdeira universal.

— Meu Deus! — exclamou a jovem, tornando-se a palidez de seu rosto em vivo carmim. — Meu Deus! — tornou a repetir com mais assombro do que surpresa.

— Como?! — disse a marquesa. — Isto te surpreende? Serás a única herdeira!

— Meu Deus! — repetiu Elia pela terceira vez, como quem estava fora de si. — Este é o único sentimento, a única máguia que me causou esta santa mãe! Seu amor levou-a a praticar uma enormidade, uma lesão aos seus legítimos herdeiros! Senhor — ajuntou, chegando-se para o escrivão —: lavre incontinenti, peço-lhe, uma ata na qual declaro renunciar a essa riqueza que não me pertence, e para que a mesma seja dividida entre seus verdadeiros donos! Anseio tirar êste pêso que me oprime e envergonha!

A marquesa levantou-se:

— Elia — disse com severidade —, essa ata, si se lavrasse, seria nula e, portanto, de nenhum valor, por seres menor de idade e, ainda, por ser feita essa declaração contra a minha expressa vontade, pois sou a pessoa em quem tua mãe, moribunda, legou seus poderes sôbre ti! Porém, dize-me: como te atreves a quebrantar, tão depressa, a vontade de tua mãe, cujo cada-ver ainda se não esfriou?

— Mas... para que quero, para que me serviria essa tão grande riqueza? — exclamou Elia com a mais simples naturalidade e sincera convicção.

— Essa riqueza é tua, legitimamente tua! — repôs a marquesa. — A idade e o tempo te ensinarão seu uso e manejo.

— Porém, eu não a quero! — insistiu Elia. — Renuncio a essa herança em favor de seus herdeiros consanguíneos!

— E julgas — disse a marquesa — que nós aceitaríamos de ti a riqueza que não nos legou sua dona? Si assim pensaste, estás bastante enganada! Sirva-te de excusa à ofensa tua inexperiência, que não alcança a extensão das palavras que pronunciaste!

Ao ouvir estas palavras, que a marquesa pronunciou com severa dignidade, Elia ficou muda.

— Haveis-nos crido tão interessados — disse Fernando com doçura — que aceitássemos vosso nobre desprendimento e generoso sacrifício?

— Porém... que poder no mundo — disse Elia, depois de um momento de reflexão — poderá forçar-me a considerar como meu o que eu não admito como tal?

— A vontade da testadora — respondeu a marquesa —, a solene voz dos mortos!

E dizendo estas palavras, a marquesa retirou-se do recinto, seguida dos demais parentes.

— Que fazer, meu Deus, que fazer? — exclamou Elia, quando se viu a sós com Maria e D. Benigno.

— Favorecer — disse a fiel serva —, si tens escrúpulos de consciência, o cabedal de Orrea, que é pequeno, e ficar com o de Calatrava, que é grande e tão teu como a tua própria vida.

— Que fazer, D. Benigno? — interrogou Elia, sem atender ao que Maria dizia.

— Dar a Deus e o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar! — repondeu D. Benigno sem vacilar.

Elia, agradecida por estas palavras, que vinham ao encontro de sua vontade, apertou com calor a mão dêste ente simpático que a compreendia com tôdas as veras de seu coração.

...E a baroneza de São Bruno, nessa mesma noite, dizia em uma reunião de pessoas da côrte:

(Continua)



(É proibida a reprodução desta página)

Mais um ano que passa...

— Você viu a folhinha nova que o vendeiro mandou?

— Ainda não, Maria. É bonita?

— Uma lindeza! Venha ver, Joãozinho!

Durante algum tempo, os dois ficaram de nariz espetado no ar, olhando muito interessados, a linda folhinha cartonada que a mamãe dependurara na parede da copa.

— É bonita, mesmo!

— E tem versinhos em todas as folhas!

— Ah! Eu gosto tanto das folhinhas! Si dependesse de mim, haveria de dependurar uma porção delas, em todas as paredes da casa. E sabe por que? Porque elas me fazem pensar em uma porção de coisas alegres... Você já reparou, Maria, como a gente se sente feliz, quando o ano começa? Pois as folhinhas anunciam a chegada de um novo ano, e é por isso que eu gosto delas!

Maria sorriu.

— Você deveria ter ouvido o que a vovó disse ontem quando tirou a folhinha velha que estava aqui...

— O que foi que ela disse, hein?

— Disse que mais um ano tinha passado, e muita gente não se lembrava disso como devia.

— Francamente, não entendo...

— Ela quiz dizer, que muita gente, como você, fica satisfeita quando um ano começa, e não pensa no ano que terminou.

— Mas para que pensar no ano que terminou?

— Também fiz essa mesma pergunta, e ela me respondeu, dizendo que o ano que passa não volta mais, e nos deixa uma grande responsabilidade. Um dia daremos contas à Deus desse tempo... Ela disse isso, e eu achei tudo muito certo. Você se lembra, Joãozinho, do primeiro dia do outro ano?

— Que pergunta! Lembro-me muito bem. Tia Teresa esteve aqui em casa com os primos... Meu padrinho me trouxe a bicicleta...

— E o que mais?

— ...Mamãe armou no caramanchão uma mesa de doces! Não tenho boa memória, hein?

— Mas se esqueceu do principal. Não se lembra da promessa que fizemos diante do presépio? Não se lembra que a mamãe nos fez ajoelhar diante do Menino Jesus, e prometer que seríamos bons e obedientes?

— Lembro-me sim...

Joãozinho deu um grande suspiro, depois disse para a irmã:

— Vovó tem razão... Agora esta folhinha está me fazendo lembrar de coisas diferentes... Quantas crianças, se ajoelharam também diante

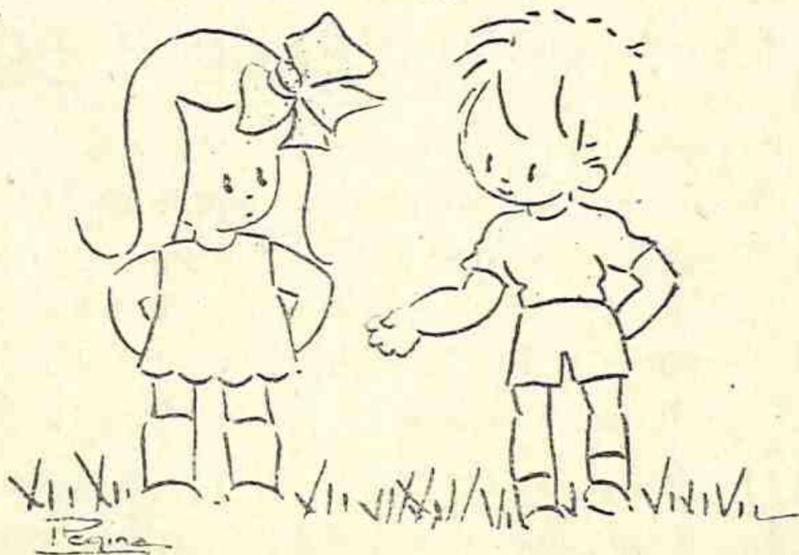
do presépio de Jesus, e naquele dia prometeram muitas coisas que não puderam cumprir, porque a morte chegou sem esperar...

— É verdade! Você não se lembra do filho do jardineiro, que morreu de tifo? E era mais gordo do que você!

Joãozinho suspirou mais uma vez:

— É mesmo! Era mais gordo do que eu!

— E quem sabe si êle tivesse vivido este ano inteiro, teria aproveitado melhor do que nós estes 365 dias...



— Graças à Deus nós não morremos também... Sabe de uma coisa? Vamos mudar de vida, enquanto é tempo! Devemos ter mais juízo, Maria, porque já estamos crescendo, e também porque precisamos agradecer à Deus que nos dá mais este ano. E para cumprirmos bem nossa palavra, tenho uma idéia que nos salvará. Quer ver?

Ele subiu numa cadeira e tirou do bolso um lapis.

— Você vai rabiscar a folhinha?!

— Espere... Espere minha curiosa...

E ante o espanto da irmã, escreveu com letras bem grandes e visíveis: "E si este fosse o meu último ano de vida?"

— Pronto Maria! disse êle radiante. Com esta frase tão simples a folhinha nos prestará mais um grande favor. Cada vez que eu for mau ou teimoso, passo por aqui, leio isto, e trato de me reformar enquanto é tempo. Você também. Quando quizer brigar comigo, faça o favor de olhar para a folhinha e ver o que escrevi...

— Mas si acontecer como no ano passado, que prometemos tanta coisa e...

Joãozinho sorriu triunfante:

— Nada disso, querida irmã. Esta frase nos ajudará! Isso garanto eu!

Regina Melillo de Souza

UM BELO PRESENTE
PARA CRIANÇAS?
Um bom livro

*Olga Jaguaribe Ekman
Simões*

Delicada autora de três interessantes livros de contos para crianças:

A âncora de ouro
Contos para você...
O primo da roça

Todos com numerosas
ilustrações

Os três exemplares: Cr. \$10,00

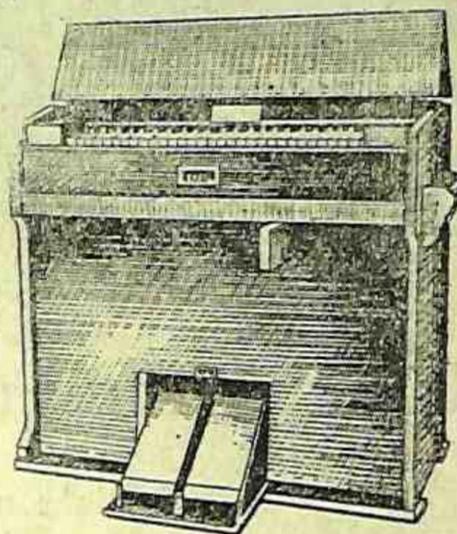
Pedidos à Administração da
"AVE MARIA"

CAIXA, 615 — SÃO PAULO

Discos Sacros

Autorizados pelo Vaticano, apresentamos, com exclusividade, solos, grandes coros, conjuntos sinfônicos e organistas da basílica de São Pedro.

Harmoniuns e Pianos
Métodos e Músicas com descontos especiais para colégios.
Vendas com facilidade de pagamento. Peçam catalogos.



Casa Manon

Rua Boa Vista, 162 - Caixa Postal, 568 - São Paulo

Transferência de assinaturas

Pedimos aos srs. assinantes da "AVE MARIA" que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, bem assim como aos que nos enviarem cartas registradas com valor declarado ou vale postal, o obséquio de nos mandar, com toda clareza, as seguintes informações:

- 1) nome por estenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço para onde a Revista deve ser enviada.

CASA SANTO ANTÔNIO

de HENRIQUE HEINS

LIVRARIA CATÓLICA. — Fábrica de Imagens.
Oficina de paramentos e estandartes.

Grande sortimento de artigos religiosos em geral.
Vendas por atacado e a varejo.

Rua Quintino Bocaiuva, 76-A

São Paulo

Hemorroidas

TRATAMENTO SEM
OPERAÇÃO

DR. CESAR GIRARD JACOB

Da Santa Casa — Clinica especializada das doenças do aparelho digestivo — Colites — Prisão de Ventre — Fistulas — Fissuras — etc.

R. 7 DE ABRIL, 176 - 3.º and.

Telefs.: 4-7033 e 7-2449

Dr. Darcy Villela Ilberê

Ex-assistente do Dr. Jorge de Gouvêa — Urologista da Maternidade e da Santa Casa.

CIRURGIA

VIAS URINÁRIAS

GINECOLOGIA

Consultório:

Rua José Bonifácio, 233

9.º andar - salas 906-911

Das 15 às 19 horas

TELEFONE: 2-7028

Residência:

TELEFONE: 7-5683

Com
ELIXIR EUPEPTICO
WERNECK

Bom apetite
e
Boa digestão